

MODOS DE CIRCULAÇÃO E UTILIZAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO IMPRESSO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Fabiana Gonçalves - fabivotu@yahoo.com.br - UNIVESP

Eder Aparecido de Carvalho - carvalhoeder@hotmail.com - IFC

RESUMO. *Este artigo tem por objetivo analisar os modos de circulação e utilização do Material Didático Impresso (MDI) na Educação a Distância (EaD). Para tanto, recorreremos a trabalhos sobre o ensino a distância de modo geral e, mais estritamente, a especialistas dedicados à produção e disseminação do MDI entre alunos da EaD. Nesta senda, procuraremos evidenciar os diferentes suportes utilizados pelos promotores educacionais quando da distribuição do MDI entre os estudantes dessa modalidade de ensino, bem como os métodos utilizados pelos alunos quando da utilização desse recurso educacional. A fim de delimitarmos o corpus da pesquisa, buscaremos estudar os suportes adotados pelo público da EaD para veiculação e emprego dessa ferramenta pedagógica apenas na contemporaneidade.*

Palavras-chave: *Educação. Material Didático Impresso. Educação a Distância.*

ABSTRACT. *This article aims to analyze the modes of circulation and use of printed didactic material (PDM) in Distance Education (DE). Therefore, in general we will investigate works about the distance learning and specifically we will examine researches of specialists in production and distribution of this type of material to learners of DE. In this way, we will try to show the different supports used by education professionals to do distribute the PDM to students of this teaching modality, as well as the methods used by students to use it. To delimit the corpus of the research, we will only study the currently supports on DE to distribution and using of this pedagogical resource.*

Keywords: *Education. Printed Didactic Material. Distance Education.*

Submetido em 19 de agosto de 2018.

Aceito para publicação em 04 de outubro de 2018.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

1. PALAVRAS INICIAIS

Com a Internet, voltamos à era alfabética. Se um dia acreditamos ter entrado na civilização das imagens, eis que o computador nos introduz na galáxia de Gutenberg, e doravante todo mundo vê-se obrigado a ler.

Umberto Eco

Fruto de uma pesquisa desenvolvida junto à Universidade Federal Fluminense (UFF), este artigo procura investigar a presença do Material Didático Impresso (MDI) no cenário educacional recente, isto é, marcado pela revolução do texto eletrônico, assim como pelas demais mídias digitais. Nesse sentido, o texto revela sua gênese monográfica em trechos instrucionais, próprios daquele perfil, mas, adicionadas às reformulações necessárias a este suporte, seguem reflexões sobre o assunto, sobretudo a respeito dos modos de circulação do Material Didático Impresso no ensino pós Internet. Nesta senda, o estudo poderá auxiliar profissionais ligados aos processos de criação, produção e circulação do MDI para a Educação a Distância.

Uma vez arremetida a fundamentação teórica, buscamos, senão responder, pelo menos refletir sobre as questões que inicialmente orientaram a feitura deste estudo. Seguindo esse raciocínio, procuramos rastrear o (não) lugar do Material Didático Impresso no âmbito da Educação a Distância nos dias de hoje, evidenciando, dessa forma, os modos de circulação e utilização do mesmo na EaD, assim como as vantagens e desvantagens do uso articulado entre Material Didático Impresso e as Tecnologias de Informação e Comunicação na EaD. Para tanto, o trabalho “Modos de circulação e de utilização do Material Didático Impresso na EaD” subdivide-se em: “Palavras iniciais”, cujas linhas atualizam o artigo e o apresenta; “A literatura do MDI na EaD”, no qual apresentamos estudos fundamentais para a compreensão do assunto; “A veiculação do Material Didático Impresso na EaD”, cujas bases procuram delimitar os modos de circulação do MDI na EaD; “O (não) lugar do Material Didático Impresso na EaD”, que busca delinear o espaço do Material Didático Impresso no ensino a distância; e “Palavras finais”, tópico dedicado às últimas incursões reflexivas.

2. A LITERATURA DO MDI NA EaD

Atualmente, a literatura educacional abarca muitos estudos sobre Educação a Distância. No entanto, na maioria das vezes, os trabalhos dedicam-se a examinar as possibilidades e os impactos gerados pelo uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nessa modalidade educativa. Como se vê, num universo revolucionado pelos recursos midiáticos, as ferramentas tradicionais de ensino ficam à deriva e raramente são objetos de análise. Por isso, e exatamente por tratar-se de tema antigo e polêmico, o Material Didático Impresso merece ser resgatado.

Com esse propósito, isto é, objetivando principalmente resgatar e refletir sobre a *práxis* do uso articulado entre o Material Didático Impresso e as novas ferramentas tecnológicas no ensino a distância, assim como investigar o (não) lugar dessa mídia nesse novo cenário da EaD, revolucionado, sobretudo, após o advento da Internet, essa pesquisa recorrerá tanto a estudos dedicados a examinar as TICs quanto a

trabalhos destinados ao MDI isoladamente. Para tanto, os estudos por ora propostos serão norteados pelo viés teórico instaurado por especialistas da Educação, da Educação a Distância e de profissionais dedicados ao campo da Informática na Educação.

Dentre os inúmeros estudos concernentes aos ramos citados, trabalhos como o de Santos et al (2011) exerceram grande influência em nossos estudos, justamente por enquadrarem-se entre os poucos estudos a ponderar sobre o uso articulado entre as TICs e o MDI. Nesse texto, os autores ressaltam, inicialmente, a diversidade de dispositivos e tecnologias disponíveis aos professores e alunos. Nesse sentido, sugerem alternativas para integrar a ubiquidade do material impresso à interatividade dos recursos digitais, conferindo, dessa forma, inovações ao suporte impresso. Entretanto, antes de apresentarem um possível caminho de integração entre esses recursos, conceituam os termos mobilidade (essencialmente relacionado ao material impresso) e interatividade (associado às ferramentas digitais). Em seguida, lançam a proposta. Assim, de acordo com os autores, uma alternativa para inserir o universo digital no papel seria a inserção de códigos 2D no material impresso. Entre outras vantagens, essa união abre espaço para a personalização dos objetos educacionais. Por outro lado, alertam os estudiosos (Idem, 2011), além da exigência de dispositivos móveis e acesso à internet, o estudo configura-se ainda como pesquisa *in process*. Portanto, apenas para efeito de demonstração, é apresentado um experimento realizado com o “objetivo de analisar o desempenho de alunos usando meios diferentes de estudo (material digital e material impresso) e ainda verificar como os alunos costumam estudar o material disponibilizado pelo professor” (SANTOS et al, 2011, p.6).

A partir dos resultados da pesquisa, Santos et al (2011), verificaram maior êxito perante o uso integrado dessas ferramentas. Como se vê, concluem os autores, o experimento não teve a intenção de destacar um meio ou outro, mas sim sugerir a integração de diferentes recursos, em especial das tecnologias de código 2D (como o QR Code) ao material impresso, uma vez que essa junção pode facilitar a elaboração e o aprendizado de conteúdos educacionais tanto na EaD quanto no ensino presencial.

Diante do exposto, os possíveis benefícios gerados pelo uso articulado/integrado entre a mídia impressa e as TICs para o aluno de EaD serão explorados. Buscaremos demonstrar formas de desenvolver objetos de aprendizagem cujas atividades aproximem-se da realidade do aluno e, desse modo, evidenciar como a utilização da linguagem dialógica, condição primeira de diversas ferramentas educacionais, especialmente quando utilizadas em conjunto, favorece o processo de construção coletiva. Constituída por dois segmentos, a pesquisa primou pela discussão em torno dos modos de circulação e de utilização do Material Didático Impresso na EaD justamente por conta do grande uso desse recurso educacional nessa modalidade de ensino. Entre os diversos suportes educativos, como web, teleconferência, rádio, televisão, impresso, CD, uma das mídias de maior alcance na educação ainda é o material impresso. A integração de diversas mídias, bem como as vantagens e desvantagens dessa prática, foi focalizada numa segunda parte da pesquisa. Esse

caminho foi traçado, pois, sendo o material impresso uma das mídias mais requisitadas pelo público da EaD, verificou-se a necessidade de estudos cujas reflexões iluminam as implicações pedagógicas da utilização conjunta dessas mídias no processo educativo.

Os estudos sobre as estratégias didático-editoriais adotadas pelos profissionais oriundos de diferentes áreas durante as etapas de criação e circulação do Material Didático Impresso para o público da EaD foram norteados por artigos inseridos no volume *Material didático para a EaD: processo de produção*, de Neder e Possari (2009), além da coletânea produzida por Preti (2010). Nesse ponto, vale destacar o texto de Possari (s.d.), *Produção de material didático para a EaD*, pois, além de identificar os tipos de leitor e leitura no ensino a distância, configura os modos comunicativos em EaD. Seguindo esse caminho, a autora aponta modelos de configuração de materiais didáticos especialmente desenvolvidos para o ensino a distância. De acordo com a autora citada, um dos aspectos necessários à mídia impressa desenvolvida para o aluno do ensino a distância refere-se à adequação do design, cujos princípios devem primar pela motivação. Desse modo, compreender as estratégias utilizadas por profissionais para a produção de materiais didáticos impressos para a EaD significa investigar também as expectativas do estudante adepto dessa modalidade educativa.

Ademais, convém ressaltar os trabalhos de Bandeira (2013), *Material didático*, e *A aventura do livro* (2009), de Chartier, além do artigo de Carolina Pires Leal (2012), *A elaboração de materiais didáticos no contexto da educação a distância* e o depoimento (*Material didático: um depoimento*) de Cristovão Tezza (2002). Assim, no texto-aula dedicado ao Material Didático Impresso, Bandeira discute o conceito atrelado ao material didático, os modos de classificação geral e os aspectos da elaboração desse recurso pedagógico. Através de um esquema, Bandeira demonstra os três tipos de material didático: impresso, audiovisual e novas tecnologias. Para definir o conceito de material didático, a pesquisadora recorre a Roger Chartier. Segundo a autora, Chartier afirma que o texto não existe fora dos suportes que permitem sua leitura (ou visão/audição), daí a definição de material didático vincular-se ao tipo de suporte que possibilita materializar seu conteúdo. Além de percorrer a trajetória do material didático na educação de modo geral, Bandeira dedica-se a apresentar essa ferramenta no contexto da EaD. De acordo com a estudiosa, o uso de Material Didático Impresso na EaD foi fortalecido também pela integração com as novas mídias. Outro tópico discutido no texto diz respeito à produção e difusão da mídia impressa no âmbito da EaD. Portanto, Bandeira trata exatamente do tema e, por conseguinte, dos subtemas propostos nesta pesquisa.

Como se nota, Chartier lançou as bases para as discussões ainda em pauta na contemporaneidade. Talvez, a maior contribuição do autor para o tema esteja retratada no volume *A aventura do livro* (2009)ⁱⁱ. Nessa obra, são apresentadas ideias e ilustrações que iluminam aspectos importantes dos dois pilares do tema proposto: mídia impressa e recursos multimídia. Através de seus curtos capítulos, Chartier recupera a história da imprensa mundial, desde os primórdios até os dias atuais, à qual o leitor passou a ser encarado também como navegador.

Quanto ao artigo de Leal (2012), vale destacar a reflexão da estudiosa sobre a elaboração de diversos formatos adquiridos pelos materiais didáticos no ensino a distância. Como exemplo, a articulista utiliza a própria experiência como designer gráfica no curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa a distância da UFPE (o E-Letras). Assim, Leal aponta os suportes utilizados pelos materiais didáticos — impresso, audiovisual e digital — em seus mais variados formatos a fim de traçar as etapas de elaboração desses materiais.

Diante da importância da integração entre as diversas mídias no processo ensino-aprendizagem, sobretudo da EaD, a autora destaca a necessidade da atuação conjunta de diversos profissionais com variadas formações, tais como, conteudista, designer instrucional, revisor, designer gráfico, programador, web roteirista, web designer, ilustrador, animador, entre outros, para a realização de materiais didáticos completos e de alto nível.

“Material didático” de Tezza (2002) traz um depoimento extremamente denso sobre o material didático. Embora discorra sobre os materiais didáticos impressos utilizados em cursos presenciais, o texto mostra-se indiscutivelmente importante para o desdobramento de nosso tema, na medida em que pontua o “lado b”, digamos assim, dos materiais didáticos (e aqui podemos incluir os materiais didáticos produzidos para a EaD). Apontando alguns aspectos negativos dos materiais didáticos, Tezza descreve-os como “manuais genéricos”. Por fim, o educador e também escritor defende a premissa universal defendida por muitos especialistas ligados à área pedagógica, cuja ideia atribui ao próprio professor a missão de acompanhar a produção de seu próprio material didático, sobretudo, completa o autor, na universidade, justamente por ser a instituição superior “o lugar por excelência da produção de saber e não o de sua reprodução mecânica, essa máxima parece irretocável”. (TEZZA, 2002, p.36).

No contexto da EaD, diante da impossibilidade de cada professor realizar seu material didático, haja visto a necessidade do trabalho conjunto com outras áreas, como garantir qualidade aos materiais didáticos para que não sejam apenas fonte de “reprodução mecânica” e, acima de tudo, evitar as generalizações dos conteúdos educacionais? Como se nota, a contribuição de Tezza (inclua-se os demais autores citados no corpo dessa obra) ao nosso tema se faz por meio das provocações e relações que podemos estabelecer entre os diversos recursos didáticos utilizados, apesar de suas especificidades, tanto no ensino presencial quanto na EaD.

2.1 A veiculação do Material Didático Impresso na EaD

Conforme registros acerca das primeiras investidas educacionais realizadas a distância, ainda no século XVIII, o ensino promovido por essa modalidade era veiculado por cartas. Muitas transformações socioculturais ocorreram desde então, sobretudo no plano econômico. Inseridos neste panorama e associados à evolução tecnológica, os meios utilizados para mediatizar o conteúdo e fomentar a comunicação entre educadores e alunos também receberam novas roupagens.

No Brasil, essas inovações não afastaram o Material Didático Impresso da sala de aula virtual. Prova disso, são as comparações entre os dados lançados pelo Censo EaD (ABRAEAD, 2008)ⁱⁱⁱ, cujos números indicam que 91% das instituições estruturadas com Polos de Apoio Presencial utilizam material impresso e, oito anos depois, o Censo Ead.Br (2016) que continua ilustrando a importância dessa ferramenta educacional no setor. De acordo com a pesquisa (dados referentes a 2016), a oferta de livros impressos em cursos a distância chegou a 56%, números superiores à modalidade presencial que foi de 43% e semipresenciais que atingiu 31%. Também se observa em cursos a distância (ofertados por órgãos públicos) a disponibilidade de impressos que não são livros – 65%. As bibliotecas físicas também estão presentes nas instituições que oferecem a EaD: mínimo de 50% - variando de acordo com a modalidade administrativa: instituições públicas municipais, órgãos públicos e as instituições privadas sem fins lucrativos.

Acrescenta-se que os textos digitais e livros eletrônicos que são ofertados, muitas das vezes (principalmente quando longos), são impressos pelos estudantes. Ou seja, de princípio, o material didático no formato texto, utilizado em cursos de EaD (neste trabalho, considerado em sentido amplo: referencial teórico, conjunto de atividades pedagógicas, textos-aulas, entre outros) e disponibilizado eletronicamente em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), cujas versões permitem transferência e armazenamento dos conteúdos na memória de computadores pessoais, poderia ser lido diretamente na tela do dispositivo. Porém, na maioria das vezes, os cursistas arquivam os documentos e posteriormente providenciam a impressão dos mesmos. Dessa forma, além dos materiais previamente editados e disponibilizados sob a forma tradicional do objeto livro para os aprendizes, muitos dos textos eletrônicos pensados para o público da EaD transformam-se em instrumento pedagógico impresso. Isso (embora seja difícil de mensurar a tamanha dimensão) faz com que o material impresso continue a ser o mais utilizado nos cursos a distância.

Sobre isso, embora não se possa desconsiderar a dificuldade de se concretizar uma avaliação abrangente e objetiva do Material Didático Impresso no âmbito da EaD, Dalvac Bento deixou registrado. Segundo a educadora

O material didático da EaD pode ser classificado a partir das especificidades das diferentes mídias nas quais podem ser utilizados: impresso, audiovisual e eletrônico (para ambientes virtuais de aprendizagem). Desses três tipos de materiais, o impresso ainda é o mais utilizado pelas instituições de ensino que ofertam cursos a distância, apesar do surgimento de novas TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) que favorecem outras formas de oferta como a AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem). (BENTO, 2017, p. 13-14).

A predominância na EaD, ou melhor, na “terceira geração da EaD”^{iv}, de um artefato utilizado há séculos, pode contribuir com o surgimento de pseudo-conceitos sobre o processo de produção editorial desse recurso para estudantes daquela modalidade. Aparentemente similares, os materiais didáticos impressos concebidos para o ensino a distância preservam especificidades em relação ao conteúdo

elaborado para a educação presencial. Isso se deve, basicamente, à estrutura singular, e aos componentes requeridos pelo material didático planejado para a EaD.

Entre as particularidades, destaca-se a elaboração de textos autoinstrucionais. Para tanto, a figura do *designer instrucional* (DI) torna-se imperativa. A este profissional, compete a tarefa de supervisionar a distribuição do conteúdo informacional estampado sobre páginas, cuja disposição deve ser diferente daquela apresentada pelos conteúdos/exercícios do material didático concebido para o ensino presencial. A esse respeito, Cristiane Brasileiro afirma que

Coerentemente, no que tange à macroestrutura do material, é interessante perceber que, nos materiais autoinstrucionais concebidos para EaD, as atividades não devem ser posicionadas simplesmente ao fim dos textos expositivos do curso – seja ele apresentado em forma de material impresso, áudio ou vídeo –, à guisa de mero suplemento. Na EAD, as atividades devem ser parte significativa – por vezes central – das aulas, não servindo apenas para verificar se o aluno é capaz de recuperar as principais informações do texto. (BRASILEIRO, 2012).

Nesse contexto, em que o Material Didático Impresso circula copiosamente, cabe aos professores autores de conteúdos educacionais para cursos a distância, juntamente com a equipe de produção, salvaguardar a característica fundamental do MDI enquanto tecnologia de apoio ao processo de aprendizagem. Mais do que isso, o Material Didático Impresso deve ser concebido sob a orientação de que irá “circular” entre estudantes desprovidos do apoio presencial do docente. Nesse sentido, o MDI, enquanto instrumento de mediação, simbolizaria o elo da tríade constituída por aluno/professor/curso.

2.2 O (não) lugar do Material Didático Impresso na EaD

Com os avanços tecnológicos verificados nas últimas décadas, essencialmente relacionados ao advento da internet, surgiu a possibilidade de implantação de cursos a distância orientada por propostas pedagógicas constituídas sob a égide da interatividade. Nesse sentido, os estudos perderam o caráter solitário e individual, fatores desmotivadores, e adquiriram lumes de encantamento, à medida que começaram a utilizar um formato de comunicação capaz de agregar todas as mídias ao mesmo tempo, além de permitir a interação entre milhares de estudantes localizados em diferentes regiões em um único espaço, a web.

Nesse universo, as atividades educacionais exercitam durante o processo ensino-aprendizagem, para utilizar uma expressão de Sumner (2000 apud LAPA, 2008), a “comunicação multilateral todos-todos”. Desse modo, haveria nesse ambiente repleto de mídias inovadoras, no qual a comunicabilidade entre os pares revela-se intensa, lugar para o Material Didático Impresso? A resposta, respaldada por fontes sérias e confiáveis, confirma, talvez na contracorrente do esperado, a presença ainda massiva do recurso didático impresso na EaD.

Assim, mesmo com o advento da Internet, o Material Didático Impresso, artefato caracterizado pela pouca interatividade, desprovido de áudio e vídeo, mantém lugar de destaque. Um dos motivos pelos quais o Material Didático Impresso

seja amplamente utilizado relaciona-se à mobilidade oferecida por essa ferramenta. Além disso, a acessibilidade aos materiais disponibilizados não apenas em AVAs, mas também e sobretudo na rede, facilitam a aquisição do conhecimento. Nesse ponto, vale notar que a utilização do Material Didático Impresso na EaD apenas reforça os benefícios gerados pela articulação entre os meios empregados na prática docente. Portanto, dadas as limitações de cada recurso, as mídias educativas atuam como ferramentas complementares e não excludentes.

No tocante às limitações apresentadas pelo Material Didático Impresso, sobretudo a falta de interatividade, alternativas que buscam agregar interatividade e mobilidade aos recursos educativos estão sendo experimentadas por especialistas da área. Nessa linha, Santos et al (2012) apresentaram em “Integração de recursos para acesso aos objetos de aprendizagem multimodais”, uma proposta que integra à mídia impressa utilizada a distância a tecnologia de códigos 2D. Segundo a autora

Para acessar um recurso representado por QR Code na mídia impressa o dispositivo móvel do aluno deve possuir um leitor de QR Code. Se o conteúdo for uma URL será direcionado para um endereço web exigindo o acesso à Internet, o que não ocorre quando o QR Code possui apenas uma informação textual. (SANTOS, 2012, p.3).

No entanto, sob esse plano ideal, a era cibernética apresenta terrenos movediços. O mesmo veículo capaz de transmitir conhecimento e promover formação também pode ser utilizado — e o é — para a banalização dos conteúdos educativos. Diante dessa conjuntura, o pensamento criterioso e seletivo torna-se indispensável, pois: "No mundo contemporâneo, se por um lado a extraordinária quantidade de informações em circulação faz as expectativas humanas crescerem, por outro lado enfraqueceu a criatividade, a autonomia e a escolha responsável dos homens." (MALDONATO; DELL'ORCO, 2010, p. 8). Portanto, o acesso às informações veiculadas atualmente pela web deve ser orientado e, acima de tudo, contextualizado. A esse respeito, Chartier ressalta que

Ler um artigo em um banco de dados eletrônico, sem saber nada da revista na qual foi publicado, nem dos artigos que o acompanham, e ler o “mesmo” artigo no número da revista na qual apareceu, não é a mesma experiência. O sentido que o leitor constrói, no segundo caso, depende de elementos que não estão presentes no mesmo artigo, mas que dependem do conjunto dos reunidos em um mesmo número e do projeto intelectual e editorial da revista ou do jornal. (CHARTIER, 2009, p. 128).

Arelado ao entrave de ordem pessoal, relacionado ao desenvolvimento intelectual do próprio estudante, o acesso livre e irrestrito ao conhecimento científico publicado na web por professores conteudistas, escritores, educadores e/ou especialistas, expõe os conteúdos autorais a cópias desautorizadas. Nesse grupo, enquadram-se, especialmente, as reproduções de materiais protegidos por direitos autorais sem indicação de fonte.

No Brasil, embora haja leis reguladoras sobre a utilização de obras protegidas, o controle de veiculação e reprodução de materiais no contexto da EaD, torna-se conflitante. Nesse sentido, e seguindo o raciocínio de Chartier, “Às vezes, a

proliferação do universo textual acabou por levar ao gesto da destruição, quando devia ser considerada a exigência da conservação” (2009, p. 128). Conectada à ética, talvez, uma saída seria pensar a utilização de materiais disponíveis eletronicamente enquanto prática agregadora de conhecimento e não apropriação indevida de produções de outrem.

3. PALAVRAS FINAIS

Iniciamos esse trabalho com uma citação de Umberto Eco. O excerto integra a primeira resposta conferida a Jean-Claude Carrière no diálogo de abertura do volume *Não contem com o fim do livro*, lançado em 2009 na França e publicado em terras brasileiras em 2010. Nesse livro, Eco, Carrière e Jean-Philippe de Tonnac expõem por meio de perguntas e respostas suas teorias sobre a revolução do texto eletrônico, além das consequências do fenômeno para a veiculação da escrita impressa. Embora os comentários dos autores sejam substancialmente direcionados à produção ficcional, podemos relacioná-los a qualquer material impresso, inclusive o didático.

Como sugestionado pela citação, retornamos à era de Gutemberg. Agora, através da tela do computador, na qual a multiplicidade torna-se onipresente, somos obrigados a ler. E, para ler, necessitamos de um suporte. E esse suporte, alerta Eco, não pode ser apenas o computador, cuja fixidez e exigência visual limitam seu uso. O livro, por seu turno, se apresenta como ferramenta mais flexível, “Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é” (ECO, 2010, 17). Cauteloso, ao ser inquirido pelo entrevistador sobre o fim do objeto livro sob seu formato tradicional, o escritor pondera que “Tudo pode acontecer”, inclusive, “é possível imaginar que a formidável invenção que é a Internet venha a desaparecer por sua vez, no futuro. Exatamente como os dirigíveis abandonaram nossos céus” (ECO, 2010, p.18).

Como se vê, teorias e profecias sobre o fim do livro e, conseqüentemente, de qualquer material impresso, pululam entre estudiosos de diversos segmentos: escritores, educadores, leitores, produtores editoriais, aprendizes, enfim, refere-se ao interesse coletivo. Quanto ao setor educacional, conforme os estudos apontaram, a mídia mais utilizada na EaD ainda é a impressa. Como pudemos depreender, o material impresso revela-se complemento importante de outras ferramentas educacionais. Além disso, conforme demonstramos, várias pesquisas evidenciam a tendência entre os alunos da EaD em imprimir os textos com mais de quatro ou cinco páginas.

Nossas investigações também ratificaram que o lugar do Material Didático Impresso entre o público da EaD no Brasil continua, pelo menos por ora, ocupado. Ainda que o livro em seu formato tradicional não apresente fluxo constante e intenso entre os alunos dessa modalidade de ensino, os textos onde constam as atividades propostas pelas disciplinas, ou então artigos, ensaios e/ou capítulos isolados de livros, quando disponíveis na versão eletrônica para leitura nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem, são, geralmente, impressos pelos aprendizes. Sendo assim, a materialização da ferramenta pedagógica inicialmente em bits impulsiona os métodos tradicionais de estudo.

Por outro lado, as pesquisas evidenciaram igualmente a necessidade de adaptações ao design didático quando produzidos para a EaD e atenção ao trânsito irrestrito de materiais on-line. Tecnicamente, os conteúdos educacionais produzidos para o aluno do ensino a distância devem ser adaptados. Isso envolveria, inclusive, “adaptação” (aperfeiçoamento) e engajamento de profissionais oriundos de diversas áreas do conhecimento. De caráter ético, a questão dos direitos autorais de trabalhos veiculados pela Internet também se torna conflitante. A esse respeito, Henrique Galdeman ressalta que “A transformação de obras intelectuais para bits em nada altera os direitos das obras originalmente fixadas em suportes físicos” (1997 p. 154).

Ainda carente de estudos e regulamentações, essa problemática envolve a fidedignidade do material didático disponibilizado on-line. De qualquer modo, aos aspectos negativos e positivos verificados através da pesquisa, soma-se a sensação de que a afetividade dispensada ao papel, registrada pela cultura escrita sob diferentes versões, continua impressa na educação sem distâncias.

REFERÊNCIAS

- ABRAEAD. **Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância**. 2008. Disponível em: <http://www.abraead.com.br/anuario/anuario_2008.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2013.
- Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED). **Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil - 2016**. Disponível em: <http://abed.org.br/censoead2016/Censo_EAD_2016_portugues.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2018.
- BANDEIRA, D. **Material didático: conceito, classificação geral e aspectos da elaboração**. Aula. Disponível em: <<http://www2.videolivreria.com.br/pdfs/24136.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2018.
- BELÃO, V. do R.G. G.; BRITO, G. da S. A utilização de material impresso na educação a distância do século XXI. In: *X Congresso Nacional De Educação – EDUCERE*, 2011, Curitiba. **Anais eletrônicos**. Curitiba: PUCPR, 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/6382_3596.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2018.
- BENTO, D. **A produção do material didático para EaD**. São Paulo: Cengage, 2017.
- BRASILEIRO, C. **Recursos e atividades em ambientes virtuais**. 2012. Disponível em: <<http://pigead.lanteuff.org/course/view.php?id=249>>. Acesso em: 03 out. 2013.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Imprensa Oficial; Unesp, 2009.
- ECO, U.; CARRIÈRE, J. **Não contém com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- GANDELMAN, H. **De Gutenberg à Internet: direitos autorais na era digital**. R. de Janeiro: Record, 1997.
- LAPA, A. B. **Introdução à educação a distância**. UFSC: Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/intro_ead/Intro_EAD_pdf_.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2018.

LEAL, C. P. A elaboração de materiais didáticos no contexto da educação a distância. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.º 44, jun. de 2012.

MALDONATO, M.; DELL'ORCO, S. **Criatividade, pesquisa e inovação**. Senac. v. 36, n.1, jan./abril. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/carva/Downloads/30-27-PB.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2018.

NEDER, M. L. C.; POSSARI, L. H. V. **Material didático para a ead: processo de produção**. Cuiabá: EdUFMT, 2009. p. 47-61.

POSSARI, L. H. V. (s.d.). **Produção de Material Didático para a EaD**. Disponível em: <http://200.129.241.72/UAB/turma1/docs/Mod_IV_Unid_II_Texto_Base_Possari.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018.

PRETI, O. **Produção de material didático impresso: orientações técnicas e pedagógicas**. Cuiabá: UAB/UFMT, 2010. pp. 13-47.

SANTOS, N. dos S. R. S. et al. Integração de recursos para acesso aos objetos de aprendizagem multimodais. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, v.10, n. 3, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/36394>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

_____. Mobilidade de conteúdos educacionais: adicionando recursos complementares e interação ao papel. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 9, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/21991>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

SARTORI, A. S. **Educação a Distância: Novas práticas pedagógicas e as tecnologias da informação e da comunicação**. Florianópolis: UDESC, 2002. Disponível em: <www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1192/1007>. Acesso em: 17 mar. 2018.

TEZZA, C. Material didático: um depoimento. **Educar em revista**. Curitiba: UFPR, n. 20, jul./dez.2002, p. 35-42. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2096/1748>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

ⁱ Trata-se (salvo alterações, correções, ajustes e acréscimos - atualizações) de um recorte de Trabalho de Conclusão de Curso entregue como requisito para obtenção do título de especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da EaD – PIGEAD (2013). Em formato de comunicação, os proponentes o apresentaram no Congresso Internacional de Educação e Tecnologias/Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância (CIET:EnPED), em 2018.

ⁱⁱ *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, de Roger Chartier, foi lançada originalmente em 1977.

ⁱⁱⁱ ABRAEAD: Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância.

^{iv} A terceira geração surge com o uso das TICs, atrelada essencialmente à interatividade propiciada pela internet (BELÃO, 2011; SARTORI, 2002).

^v O direito autoral no Brasil foi regulado pela Lei 5 988 de 14 de dezembro de 1993 até a formulação da Lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998, que entrou em vigor a partir de 19 de junho de 1998. Para mais detalhes, ver: FILHO, Plínio Martins. *Direitos autorais na Internet*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n2/martins.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2018.